

BESTSELLER INTERNACIONAL

# TAYLOR STEVENS

## A INFORMACIONISTA

O LIVRO  
QUE ESTÁ A SER  
COMPARADO A  
OS HOMENS QUE  
ODEIAM  
AS MULHERES

«Um thriller intenso,  
com um clímax arrepiante e arrasador.»

*Associated Press*

«Vanessa Munroe é a nova heroína  
implacável do mundo dos livros de ação.»

*New York Post*



TOPSELLER

# Prólogo

África Central Ocidental  
Quatro anos antes

**E**ra ali que ele ia morrer.

No chão, de gatas com as mãos na terra, a lutar contra a sede e o impulso de beber daquela poça cheia de lama. Tinha sangue no cabelo e nas roupas e, por baixo da imundície, a mascarrar-lhe a cara. Não era o seu sangue. E ainda lhe conseguia sentir o sabor.

Eles iam encontrá-lo. Matá-lo. Iam cortá-lo aos bocados como tinham feito com Mel, e quem sabe se também com Emily. Só esperava que ela ainda estivesse viva. Pôs-se à escuta e só ouviu o leve rumor que envolvia a densa floresta, quebrado à distância pelos golpes das catanas contra a vegetação.

A luz embrenhava-se pela copa das árvores da floresta tropical, assustando-o com inimigos imaginários nas sombras. O som das lâminas arrastava-se na quietude, ecoando por todo o lado, o que tornava impossível saber de onde vinha.

Mesmo que escapasse àqueles que o perseguiram, não sobreviveria a uma noite na selva. Tinha de se mexer, de correr, de continuar em direção a leste até conseguir atravessar a fronteira, embora já não fizesse a mínima ideia de onde ela ficava. Obrigou-se a pôr-se de joelhos, levantou-se a custo e rodou o corpo, confuso e desorientado, à procura de uma saída dali.

As catanas estavam agora mais perto, seguidas por gritos não muito longe. Impeliu-se para a frente, com os pulmões em chamas e os olhos a arderem. O tempo tinha perdido o seu significado havia muito. Sob a luz cada vez mais ténue, as plantas da selva pareciam erguer-se ameaçadoras. Seria só uma alucinação?

Outro grito, ainda mais perto. As pernas vacilaram com o peso e ele caiu ao chão, amaldiçoando-se pelo barulho que fizera. Livrou-se da mochila: não valia tanto como a sua vida.

De repente, esperançoso, ouviu o roncar de uma coluna de jipes desconjuntados a trepidar no chão. A estrada era um sinal a apontar o caminho de fuga, e ele agora ia encontrá-la. Agachou-se e olhou para cima, para o dossel de folhas, implorando à providência que não houvesse por ali cobras, e depois correu, seguindo aquele som. Andava mais depressa sem a mochila: devia ter-se lembrado antes.

Explodiu um coro de vozes uns dez metros atrás dele. Tinham encontrado a mochila. *Leva contigo só o que não puderes dar-te ao luxo de perder.* Um sábio conselho de um primo que tinha passado algum tempo naquele fim do mundo infernal. Livrar-se da mochila fizera-o ganhar tempo: alguns minutos, ou talvez a vida inteira.

Havia uma clareira de luz cerca de 20 metros mais adiante. Aproximou-se dela instintivamente. Não era a estrada, mas uma aldeia, tão pequena quanto silenciosa. Esquadrinhou o cenário deserto à procura da única coisa que lhe importava mais do que tudo e descobriu-a num enferrujado barril de gásóleo. Havia um imenso sortido de insetos aquáticos a habitarem a superfície, além de larvas de mosquito a dançarem no fundo como pequenas sereias. Bebeu vorazmente, arriscando quaisquer doenças que o barril tivesse para lhe dar: com um pouco de sorte, haveria cura.

Um jipe aproximou-se e ele refugiou-se nas sombras, mantendo-se escondido no meio da vegetação. O veículo despejou uma patrulha de soldados que se espalharam pelas casotas de lama cozida ao sol, arrombando as portas e janelas de madeira à procura dele antes de voltarem a partir. Agora sabia porque é que a aldeia estava deserta.

A escuridão levou ainda 15 minutos a descer. Ele seguiu pelo atalho que ligava a aldeia à estrada, com os ouvidos atentamente à escuta. Os jipes tinham partido, e por um momento não houve sinal dos seus perseguidores. Saiu do seu esconderijo para a faixa de terra batida e ouviu Emily a gritar o seu nome. Vinha mais abaixo na estrada, a correr, desengonçada, com os soldados a aproximarem-se por trás dela. Atingiram-na e ela tombou como uma boneca de trapos.

Ele ficou parado, em choque, a tremer, e no meio do breu ainda conseguiu ver as catanas a descer, com as lâminas cintilando ao luar.

Queria gritar, queria matá-los para a defender — mas, em vez disso, virou-se para leste, em direção ao posto fronteiriço a menos de 20 metros de distância, e desatou a correr.

# Capítulo 1

Ancara, Turquia

**V**anessa Michael Munroe inspirou, lenta e deliberadamente, completamente concentrada na berma do outro lado da rua. Tinha cronometrado a caravana automóvel desde Balgat até à orla da praça de Kizilay, e estava agora a espreitar de um canto na penumbra, imóvel, enquanto o grupo abandonava os veículos e descia uma escadaria de degraus largos e compridos. Dois homens. Cinco mulheres. Quatro guarda-costas. Mais alguns minutos e o seu alvo chegaria.

Os edifícios envidraçados refletiam as luzes de néon das avenidas ainda muito animadas com a movida noturna. Vultos passavam apressados, aparentemente sem repararem na sua presença nem nos seus olhos a seguirem o movimento no escuro.

Olhou de relance para o relógio.

Um *Mercedes* estacionou do outro lado, e ela endireitou as costas enquanto a figura solitária saía do banco de trás. Com ar indiferente, o homem dirigiu-se para a entrada e, quando estava fora de vista, ela seguiu-o escadas abaixo até ao Anatolia: o mais privado de todos os clubes privados da cidade, o santo dos santos de Ancara, onde os ricos e poderosos lubrificavam as rodas dentadas da grande máquina da democracia.

Quando chegou à entrada, mostrou o cartão de visita que lhe tinha custado duas semanas de subornos e encontros clandestinos a obter.

O porteiro fez um sinal como se a reconhecesse e disse:

— Caro senhor.

Munroe respondeu com um aceno de cabeça, passou-lhe um rolo de notas para a mão e entrou no espaço fumarento e cheio de música.

Atravessou a colmeia de cabinas privadas, passou pelo bar com os seus bancos altos semiocupados, por um corredor que levava às casas de banho e, finalmente, chegou a uma porta que dizia «Reservado ao Pessoal».

Dentro da pequena arrecadação, despiu o fato *Armani*, os sapatos italianos e o resto dos adereços que compunham a sua máscara masculina.

Infelizmente, o contacto que usara para obter acesso ao clube conhecia-a como homem, e logo na noite em que ela mais precisava de ser mulher. Desenrolou o pano que lhe iria servir de vestido de noite e calçou umas sandálias de tiras que soltou do forro do casaco. Tirou uma pequena carteira do bolso do fato e depois, verificando se o corredor estava vazio, entrou na casa de banho para rematar a transformação com a maquilhagem e o penteado.

De volta à sala principal, os guarda-costas serviram-lhe de radar. Aproximou-se deles com movimentos demorados e lânguidos. O tempo pareceu abrandar. Quatro segundos. Quatro segundos de contacto visual direto com o alvo e depois uma ligeiríssima sugestão de sorriso ao desviar os olhos e continuar em frente.

Sentou-se ao fundo do balcão, sozinha, com o corpo virado na direção dele enquanto olhava para o outro lado. Pediu uma bebida. E, brincando casualmente com a corrente do medalhão que trazia ao peito, esperou.

Só mais aquele passo e o trabalho estaria concluído.

Tinha previsto uns dez minutos, mas o convite para se juntar à festa chegou ao fim de três. O guarda-costas que entregou a mensagem acompanhou-a até à mesa, e ali, com a mais breve das rondas de apresentações, sorrisos tímidos e olhares furtivos, ela mergulhou no seu papel dessa noite: observar e sitiar o alvo, tudo sob o disfarce de mulher fácil.

A farsa prolongou-se até altas horas da madrugada, quando, depois de obter o que queria, ela afetou exaustão e se despediu do grupo.

O alvo acompanhou-a até à rua e, sob as luzes do néon, ofereceu-lhe uma boleia que ela recusou com um simples sorriso.

O homem chamou o seu carro e, quando ela começou a afastar-se, seguiu-a e agarrou-a pelo braço.

Ela tentou libertar-se. O homem apertou com mais força e ela respirou fundo, obrigando-se a manter uma aparência de calma.

Mas o espírito tingiu-se-lhe de sombras. Desviou os olhos da cara do homem para o seu pescoço, que tão facilmente poderia cortar, para a garganta, que poderia esmagar como se nada fosse, e de novo para a cara dele. Sentindo o sangue a latejar-lhe nos ouvidos, teve de lutar contra o impulso de o matar logo ali.

Contra todos os seus instintos, conservou o sorriso e disse, melíflua:

— Podemos tomar outra bebida.

O *Mercedes* parou junto à berma. O alvo abriu a porta e, antes que o motorista tivesse oportunidade de sair, empurrou Munroe para o banco de trás. Entrou logo de seguida e bateu com a porta. Ordenou ao motorista que avançasse e depois apontou com um gesto brusco para o minibar.

— Tens aí a tua bebida — disse.

Com um sorriso atiradiço, ela olhou por cima do ombro, para o infinito. Era um sorriso de morte e destruição, um disfarce para a ânsia de sangue que lhe fervia agora nas veias. Esforçou-se por manter a razão. Tinha de se concentrar. Reprimindo o impulso, estendeu o braço para a garrafa de *Jack Daniel's*, segurando a carteira na outra mão, e sugeriu:

— Bebe comigo.

Em reação à calma dela, e com a promessa tácita de sexo no ar, ele deixou-se descontraír e tomou a bebida. Ela mergulhou os dedos no copo e depois enfiou-os na boca dele. Repetiu o gesto, brincalhona, à espera de que o *Rohypnol* lhe entrasse no organismo até o copo estar vazio, e, quando acabou, entreteve-o até que a droga fizesse efeito. Disse ao motorista para levar o homem a casa e, sem qualquer espécie de resistência, saiu do carro.

No ar fresco da alvorada, respirou fundo para desanuviar a cabeça. E então começou a andar, alheada do tempo, consciente apenas dos primeiros raios de sol da manhã e das chamadas para a oração que a dada altura ecoaram de todos os minaretes da cidade.

O sol já ia alto quando finalmente chegou ao apartamento que lhe servira de casa nos últimos nove meses.

O sítio estava às escuras, com as persianas corridas, e ela ligou o interruptor. Havia uma simples lâmpada de baixa voltagem pendurada do teto, mostrando um apartamento de uma divisão com mais espaço dedicado às pilhas de livros, pastas de arquivo e computadores

com os respetivos cabos e periféricos do que à própria secretária e ao sofá que também usava como cama. Tirando isso, a casa estava vazia.

Tirou o medalhão do pescoço e deteve-se, momentaneamente distraída pela luz vermelha que piscava junto ao sofá. Depois, pressionando o medalhão nas palmas das mãos, rodou-o e retirou um microcartão de memória das duas metades abertas. Sentou-se à frente do computador, inseriu o cartão num leitor e, enquanto descarregava os dados, esticou-se para o atendedor de chamadas.

A voz na gravação estava cheia de entusiasmo: era a inconfundível Kate Breeden.

«Michael, querida, já sei que ainda estás a resolver os teus assuntos e que não contavas com mais nenhum trabalho durante uns tempos, mas acabo de receber um pedido bastante invulgar. Liga-me.»

Munroe sentou-se no sofá, voltou a passar a mensagem, poisou a testa nos braços e fechou os olhos. O cansaço de todo o trabalho do dia pesava-lhe sobre os ombros, e ela reclinou-se para trás, com os olhos fixos no computador e no indicador de progresso da transferência dos dados. Olhou de relance para o relógio. Passava pouco das dez em Dallas. Esperou um instante, depois endireitou-se, preparando-se para o que aí vinha, pegou no telefone e marcou um número.

A efervescência da voz da amiga no outro lado da linha fez com que sorrisse ligeiramente.

— Acabei de receber a tua mensagem — disse.

— Eu sei que não precisas de trabalho durante uns meses — respondeu Kate —, mas acho que podes abrir uma exceção. O cliente é o Richard Burbank.

Munroe fez uma pausa. O nome era-lhe familiar.

— O do petróleo do Texas?

— Esse mesmo.

Ela suspirou.

— Está bem, manda-me os documentos por fax, que eu dou-lhes uma vista de olhos.

Fez-se um silêncio incómodo, e então Breeden perguntou:

— Por 100 mil dólares, estarias disposta a encontrar-te com ele pessoalmente?

— Em Ancara?

— Em Houston.



Munroe não disse nada, limitando-se a deixar que o silêncio consumisse o tempo.

Breeden voltou a falar.

— Já se passaram dois anos, Michael. Podes ver isto como um bom presságio. Volta para casa.

— Valerá a pena?

— Podes sempre ir-te embora outra vez.

Munroe acenou com a cabeça para o espaço vazio à sua frente, para aquela inevitabilidade que até agora tinha conseguido adiar, e disse:

— Dá-me só uma semana para resolver as coisas.

Deixou cair o telefone no descanso, deitou-se para trás no sofá e, com um braço a tapar-lhe os olhos, inspirou longa e profundamente.

Hoje, não iria dormir.

\* \* \*

Pela quarta vez em igual número de minutos, Munroe consultou o relógio e, depois, a extensão da fila à sua frente.

Os passaportes iam sendo carimbados. As marteladas irregulares criavam um ritmo distrativo, uma cadência que pontuava o padrão dos seus pensamentos.

Ia voltar a casa.

Casa. O que quer que *isso* significasse.

Casa. Ao fim de dois anos de mudança contínua de fusos horários e países do Terceiro Mundo, dois anos a experimentar um choque ininterrupto de culturas em todos aqueles sítios estranhos e a fervilhar de vida. Esses eram mundos que ela podia sentir e compreender — ao contrário de casa.

Com os dentes cerrados, Munroe fechou os olhos e expirou lentamente, levantou a cabeça e sorveu mais uma golfada de ar.

Passou mais uma pessoa pelo controlo de passaportes e a fila arrastou-se uns centímetros para a frente. Ela inspirou outra vez, numa tentativa de invocar uma calma temporária, de aliviar a ansiedade que se tinha vindo a acumular nas últimas horas, mas o tumulto dentro da sua cabeça aumentou ainda mais, quais chamas atizadas pelo oxigénio.

*A terra será totalmente devastada, despojada...*

O voo tinha cruzado dois nasceres e um pôr do sol. Para o seu corpo, eram três horas da tarde do dia anterior, quando o relógio na parede em frente dizia serem 6.48 da manhã.

*... A terra está triste e murcha, o mundo está de luto e desfalece...*

Um outro olhar de relance para as horas. Uma outra golfada de ar. Mais alguns centímetros para a frente. Munroe parecia pairar à beira do pânico, adiando-o uma inspiração de cada vez.

Casa.

*... A terra está profanada pelos seus habitantes...*

Os minutos passaram, a fila manteve-se imóvel, e a atenção dela virou-se para o início da fila, onde o homem que enfrentava o funcionário dos serviços de imigração gaguejava umas palavras hesitantes em inglês, incapaz de responder às perguntas de rotina que lhe faziam. Com pouco mais de 1,80 metros de altura, uma postura perfeita e cabelo preto muito escuro, o homem trazia consigo uma pasta rígida e envergava uma gabardina castanho-avermelhada.

Mais três minutos que lhe pareceram uma dolorosa meia hora, e o funcionário dos serviços de imigração mandou o Homem da Gabardina para uma sala reservada no fim do corredor.

*... Porque transgrediram as leis, violaram os mandamentos...*

Ela seguiu o homem com os olhos e empurrou a mala para a frente com o pé.

*... Por isso, a maldição devora a terra...*

Cada um dos passos do homem lhe trazia à memória o terror daquela primeira vez que entrara nos Estados Unidos. Portas idênticas e uma experiência semelhante: será que as coisas teriam mudado assim tanto em nove anos?

*... Por isso, os habitantes da terra serão consumidos...*

O Homem da Gabardina era agora uma silhueta por trás de uma janela translúcida. Ela consultou o relógio. Mais uma pessoa na fila. Mais um minuto.

*... O vinho novo está triste, a vinha murcha...*

Deu um passo para o balcão, com o passaporte e os documentos na mão, o tumulto no seu cérebro reduzido agora a um sussurro à superfície. Perguntas de rotina, respostas maquinais. O funcionário carimbou o passaporte e devolveu-lho.

*... Cessou a alegria dos tambores, acabou o ruído dos foliões...*

Ela não tinha bagagem nem nada a declarar, e, com um último olhar de relance para a sombra do Homem da Gabardina, abandonou a zona do controlo de passaportes pelas portas deslizantes e opacas que conduziam à multidão ali à espera. Esquadrinhou as caras, tentando adivinhar quem aguardava pelo homem entre aqueles olhos expectantes e ansiosos.

*... As bebidas fortes sabem a amargo...*

Havia uma cabina telefónica numa parede distante, para a qual ela se dirigiu.

*... A cidade, desolada, cai aos pedaços...*

Marcou um número e depois virou-se para conseguir ver as portas opacas.

*... Acabou-se a alegria, esvaneceu-se o regozijo da terra...*

Os passageiros iam saindo a conta-gotas, sorrindo ao verem os entes queridos que os esperavam. Era assim que deveria ser voltar para casa, sem ter de mandar presentes e cartões adiantados à família distante e a meia dúzia de estranhos supostamente amigos, temendo o reatar de laços a que estaria socialmente obrigada.

O atendedor de chamadas de Kate atendeu, e Munroe desligou sem deixar mensagem. O Homem da Gabardina saiu pelas portas de vidro.

*... Na cidade só há escombros, e a porta está podre e em ruínas...*

Afinal, estava sozinho. Não havia nenhuma namorada com flores nem caras felizes à espera... nem sequer uma cara fechada e anónima a empunhar uma placa com o seu nome. Passou a dois metros de Munroe, e ela seguiu-o com o olhar. Num impulso, pegou na mala e foi atrás dele até ao piso térreo, mantendo apenas a distância necessária para não o perder no meio da multidão.

O Homem da Gabardina embarcou no miniautocarro para o Marriott e ela entrou atrás dele. Ele acenou uma vez na sua direção e depois deixou de lhe prestar atenção. Vestida como estava, era de esperar. O cabelo cortado, calças largas cheias de bolsos, uma camisa de linho que em tempos fora branca e botas de couro de sola grossa: para os menos observadores, ela era tão masculina dos pés à cabeça como ele.

No hotel, Munroe seguiu-o até à receção e pôs-se na fila. Noah Johnson. Quarto 319. Um nome tão americano, e ainda assim ele debatia-se com o seu inglês rudimentar. Ela conhecia o sotaque: o francês da alta sociedade marroquina.

Quando o homem deu por fim entrada, ela pediu um quarto e depois fez várias chamadas, até que finalmente cedeu perante o atendedor de chamadas de Kate Breeden, combinando um encontro para o jantar no restaurante do hotel.

\* \* \*

Lá fora, Munroe chamou um táxi e, 20 minutos depois, estava num parque de estacionamento numa zona industrial semideserta. Ao longo da rua, de cada um dos lados e em ambas as direções, havia edifícios térreos de cimento com armazéns e oficinas separados uns dos outros por pequenas janelas e zonas de descarga.

Munroe ficou a ver o táxi afastar-se e subiu os degraus que levavam à porta mais próxima. Na placa afixada, lia-se em grandes letras metálicas o nome LOGAN'S.

A porta da frente estava trancada. Ela encostou a cara ao vidro e, apesar de não ver luz, bateu. Passados uns minutos, acendeu-se uma luz nas traseiras e Logan apareceu em fato de treino, descalço e sorrindo timidamente. Abriu a porta para a deixar entrar e depois, examinando-a de alto a baixo, disse:

— Estás com um aspeto de merda.

Ela deixou cair a mochila no chão à entrada e fechou a porta.

— Também fico muito feliz por voltar a ver-te — retorquiu ela.

Logan foi o primeiro a abrir um sorriso, e desataram ambos a rir-se. Ele envolveu-lhe os ombros num abraço e olhou para ela fixamente.

— Bem-vinda a casa — disse. — Meu Deus, até que enfim que te vejo outra vez. Como foi a viagem?

— Longa e aborrecida.

— Se precisares de um sítio onde dormir, tens sempre o sofá.

— Obrigada, mas não, obrigada — disse ela. — Estou a lutar contra a diferença horária.

— Café, então? — Virou-se e encaminhou-se para a pequena cozinha. — Ia mesmo agora fazer.

— Um café dava jeito. Bem forte.

Nada que ele pudesse engendrar na sua cozinha chegaria nunca aos pés do café turco; a privação de cafeína não tardaria a seguir-se à ansiedade e à mudança de fuso horário. Mas tinha de enfrentar um obstáculo de cada vez.

A zona de escritório do edifício tinha quatro salas. Logan usava uma delas como gabinete, outra como sala de reuniões e as outras duas como quarto e sala de estar pessoais. Nas traseiras, o armazém fazia as vezes de oficina e depósito de material. Na verdade, ele não devia viver no edifício, mas pagava a renda a horas e, até agora, ainda ninguém se tinha queixado aos senhorios. A situação arrastava-se pelo menos desde que Munroe o conhecera: naquela noite de verão sufocante sete anos atrás, quando o preconceito numa espelunca de motoqueiros se tinha tornado violento e ela resolvera intervir escolhendo o lado mais fraco. Tinham-se rido juntos quando tudo acabou, sentados à beira da estrada sob o céu de breu, trocando apresentações como almas gémeas que estivessem há muito escritas nas estrelas.

Munroe percorreu lentamente o corredor, seguindo uma fila de molduras do tamanho de pósteres que adornavam as paredes, parando por um instante à frente de cada uma delas. A maioria eram fotografias de motas numa pista e de Logan nas corridas em que tinha entrado, instantâneos que ilustravam frações de segundo da sua vida profissional.

Logan tinha 33 anos, o cabelo louro-acinzentado, olhos verdes e um sorriso inocente que o fazia parecer mais perto dos 25. Ao longo dos anos, a imagem de inocência infantil que espalhava à sua volta atraía uma série de namorados que foram descobrindo à vez a mais dura realidade de uma alma atormentada e sombria antes de o deixarem.

Vivia por sua conta desde que fizera 15 anos, quando começou a ter de se desenrascar sozinho como mecânico de automóveis e motas na oficina do melhor amigo do pai. Tudo o que possuía fora conquistado a pulso dia após dia, e era, aos olhos de Munroe, o ser mais próximo da perfeição com quem ela se tinha cruzado em nove anos desde que pela primeira vez pisara solo americano.

Logan pôs-se ao seu lado a olhar para a última moldura e entregou-lhe uma caneca de café fumegante. Ela agradeceu com um aceno de cabeça e depois ficaram os dois em pé num silêncio amistoso que se prolongou uns minutos.

— Dois anos é muito tempo — disse ele finalmente. — Temos muita coisa para pôr em dia, Michael. — Virou-se para a porta do fundo. — Estás pronta?

Ela não se mexeu e, num tom de voz embargado pela confissão, respondeu apenas:

— Se calhar, vou aceitar mais uma missão.

Ele estacou.

— Foi por isso que voltei.

Logan pareceu estudá-la por um instante.

— Admira-me que penses sequer no assunto. Pensei que tinhas dito à Kate para recusar todos os pedidos que lhe chegassem.

Munroe fez que sim com a cabeça.

— Já sabes o que eu acho — disse ele. Se estava zangado, escondia-o bem. — Se decidires aceitar o trabalho, estou cá para te apoiar.

Ela sorriu, pegou-lhe na mão e deu-lhe o medalhão.

— Funcionou às mil maravilhas — disse. — Obrigada.

Ele assentiu e comentou, esboçando um meio sorriso:

— Ficas a dever-me mais uma. — Pôs-lhe o braço à volta dos ombros. — Anda, vamos lá.

Saíram do escritório-casa pela porta ao fundo do corredor que dava para a oficina e armazém, parando a meio caminho das traseiras do edifício. Munroe abriu um conjunto de gavetas de plástico empilhadas, tirando uma mochila e alguns objetos pessoais, enquanto Logan descia uma rampa com a *Ducati*.

A mota estava inteiramente pintada de preto lustroso, uma máquina de pura beleza, e Munroe sorriu enquanto passava os dedos pelas carenagens de corrida personalizadas.

— Tomei bem conta dela — disse Logan. — Ainda a semana passada a levei a dar uma volta só para garantir que estava tudo bem afinado.

Munroe adorava aquela mota, tanto quanto era possível adorar uma máquina. Simbolizava o poder, a vida dissecada até à fração de segundo, os riscos calculados. Poucas coisas seriam capazes de lhe garantir a mesma descarga de adrenalina que todos aqueles cavalos entre as suas pernas ao devorarem a estrada a mais de 240 quilómetros à hora. E a adrenalina tornara-se para ela uma forma de automedicação, um narcótico mais doce do que o álcool ou as drogas, tão viciante como elas e igualmente destrutivo.

Três anos antes, ela tinha destruído por completo a antecessora da *Ducati*. Os ossos despedaçados e um traumatismo craniano deixaram-na presa no hospital vários meses, mas, quando a libertaram, a primeira coisa que fez à saída foi apanhar um táxi até ao concessionário para comprar uma nova máquina.

Munroe montou na mota, suspirou e ligou a ignição. Sentiu a onda de adrenalina a crescer e sorriu. Aquilo era a sua casa: acelerar no fio da navalha, à beira de um terror autoinduzido, apostando a sua mortalidade contra as hipóteses mais remotas.

As missões eram uma espécie de prorrogação. Quando estava no estrangeiro, mesmo fazendo tudo o que fosse preciso para concluir o trabalho, havia um certo grau de normalidade, sanidade e propósito, e as forças destrutivas que a impeliam a jogar a própria vida ficavam de alguma forma adormecidas.

Munroe acenou com o capacete na cabeça para se despedir de Logan e, arrancando um ronco agudo ao motor, saiu disparada da garagem. Era sempre bom regressar a casa — mas, se quisesse manter-se viva, talvez não fosse assim tão inteligente.

\* \* \*

Voltou para o hotel ao princípio da noite. Tinha passado o dia no *spa*, onde fora esfregada e ensaboada, tratada e pintada; tinham-lhe devolvido a dignidade e a feminilidade, e ela adorara cada instante.

Agora vestia roupas que lhe cingiam o corpo, acentuando as longas pernas e a altura de modelo. Tinha uma figura andrógina — arrapazada, angulosa e esguia —, e atravessou o átrio do hotel com movimentos sensuais, ao mesmo tempo subtis e provocantes, com a perfeita noção dos olhares sub-reptícios que os hóspedes, quase todos homens, lhe lançavam.

*... A minha dor é sem remédio, e o meu coração desfalece...*

As atenções divertiam-na, pelo que se demorou propositadamente enquanto avançava.

*... Sofro; tudo me parece tenebroso; apoderou-se de mim a desolação...*

Agora, no seu oitavo regresso aos Estados Unidos, com cada uma das viagens a revelar-se mais igual a si própria e com a ansiedade que continuava a encrespar-se vaga após vaga, chegara a altura de arranjar uma distração. Um desafio. Um jogo.

Ele estava no quarto 319. Mas primeiro era preciso tratar de negócios. Munroe olhou para o relógio. Breeden já devia estar à espera.

\* \* \*

Seis anos antes, Kate Breeden tinha um próspero escritório de advogados na baixa de Austin e estava casada, com uma filha no 3.º ciclo e uma casa de 800 mil dólares, três carros de luxo e férias todos os anos em destinos exóticos. Depois veio o divórcio litigioso.

A casa, os carros, as propriedades, as férias, tudo acabou por ser vendido, e as leis de partilhas de bens do Texas dividiram 20 anos de vida em comum pela metade. A filha de Breeden optou por ir viver com o ex-marido, e ela pegou no que lhe restava, pôs tudo num fundo de investimento, empacotou as coisas e mudou-se para Dallas, para começar de novo.

Conheceram-se no *campus* da Universidade Metodista do Sul, onde Breeden tinha voltado a inscrever-se para tirar um MBA, quando Munroe andava no 2.º ano. A relação entre as duas começou cautelosamente como uma de mãe e filha emprestadas, numa altura em que as pessoas ainda tratavam Vanessa Michael Munroe pelo primeiro nome.

Quando ela recebeu aquela proposta de trabalho invulgar, que a obrigaria a interromper o curso para fazer uma viagem a Marrocos, acabou por recorrer a Breeden para a aconselhar.

Agora, Breeden era dona de uma empresa de assessoria de marketing e, pelo meio, trabalhava como advogada apenas para alguns clientes mais seletos. Era o amortecedor de Munroe entre a vida quotidiana e a vida em missão. Durante os meses e às vezes anos em que Munroe estava fora do país, Breeden pagava as faturas, mantinha as contas bancárias abertas e reencaminhava-lhe os assuntos mais urgentes. Breeden era calorosa e simpática e absolutamente implacável. Era capaz de lixar as pessoas com um sorriso afável — ao mesmo tempo que as mimava, enterrava-as vivas —, e isso fazia dela uma poderosa aliada: era uma pessoa de confiança.

Breeden tinha o cabelo pelos ombros pintado de louro e uma franja compacta que fazia sobressair os seus olhos em forma de amêndoa. Munroe encontrou-a numa mesa a um canto a consultar uma pilha de papéis e a beber um copo de vinho tinto. Breeden fitou-a nos olhos, levantou-se com um enorme sorriso e apertou calorosamente as mãos de Munroe.

— Michael — disse ela com a sua exaltação habitual. — Estás fantástica. A Turquia fez-te maravilhas!

— Foi o Four Seasons que me fez isto — respondeu Munroe, sentando-se —, mas é verdade que gostei muito da Turquia.



— Já resolveste tudo por lá?

— Há ainda uns pormenores que é preciso tratar, mas quase.

— Pegou num pãozinho, espalhou uma camada generosa de manteiga e depois apontou educadamente para os papéis.

Breeden empurrou-os por cima da mesa. Ao fim de uns minutos a folhear as páginas, Munroe comentou:

— Isto não me parece uma coisa do género que eu possa tratar.

— Sorriu. — Foi por isso que me pediste para abrir uma «exceção»?

— Foi por causa do dinheiro fácil — respondeu Breeden. Munroe ficou quieta a olhá-la, e então ela continuou: — Quando a filha do Burbank desapareceu em África há uns quatro anos, ele contratou os melhores detetives de todo o mundo e, depois de isso se mostrar inútil, mercenários. Até agora, nada.

— Porquê eu?

— Ele conhece o teu trabalho, diz que sempre é mais uma fonte de informação.

— Até podia ser. — Munroe encolheu os ombros. — Mas vai-me custar ganhar esse dinheiro, não tem nada de fácil.

— Quando me contactaram, falei com o próprio Burbank... nada de intermediários nem assessores. Ele ofereceu-te os 100 mil dólares só pela reunião, qualquer que venha a ser a tua resposta. Quer só apresentar-te o caso pessoalmente.

Munroe deixou escapar um assobio baixinho.

— Expliquei-lhe que provavelmente era uma perda de tempo e de dinheiro, mas ele insistiu. Enfim, digamos que há maneiras piores de ganhar cem milenas. Só tens de passar o dia a olhar para a cidade de Houston do cimo de um arranha-céus.

Munroe pressionou o polegar contra a cana do nariz e suspirou.

— Não sei, Kate. Depois de ouvir os pormenores, pode apetecer-me aceitar, e sabemos as duas perfeitamente que, quer eu queira quer não, preciso de fazer uma pausa... — A voz sumiu-se-lhe.

— Eu ligo ao Burbank de manhã — disse Breeden. — Digo-lhe que recusaste.

O olhar de Munroe caiu sobre os papéis.

— Ainda não recusei — respondeu. — Já fiz a viagem, não fiz? — Pegou nos documentos e voltou a folheá-los. — É só isto?

— Oficialmente, sim.

— Chegaste a lê-los?

— Sim.

— Então e sem ser oficialmente?

— O dossiê também tem algumas informações pessoais aqui e ali sobre a Elizabeth Burbank. Parece que, por volta da altura em que as primeiras equipas andavam à procura da Emily, ela sofreu um esgotamento nervoso e teve de ser internada. Andou dentro e fora de várias casas de repouso durante um ano até que morreu. Suicídio.

Breeden bebeu um gole de água.

— Para a família, foi a tragédia a rematar um golpe de sorte. Menos de dois meses antes da morte da mulher, a empresa de perfuração do Burbank encontrou petróleo ao largo da costa da África Ocidental e o preço das ações da companhia subiu em flecha. Ficou multimilionário de um dia para o outro e, desde então, já duplicou várias vezes a fortuna, investindo cuidadosamente o dinheiro.

Fez uma pausa, mas Munroe pediu-lhe para continuar.

— É claro que antes disso a família já não passava grandes dificuldades. O Richard Burbank deu-se muito bem na vida, sempre com empresas de alto risco que acabavam por compensar, e também se casou bem das duas vezes. A Elizabeth vinha de uma família antiga com posses, fazia parte da fina-flor de Houston, por isso acho que podemos dizer sem a menor dúvida que sempre viveram desafogados antes de o petróleo desatar a jorrar. A Elizabeth foi a segunda mulher do Richard... a Emily, a rapariga que desapareceu, é filha de um casamento anterior da Elizabeth. O Richard adotou-a legalmente quando ela fez 17 anos. Foi precisamente na altura em que faziam dez anos de casados. Ele e a Elizabeth levaram a cabo uma cerimónia de renovação dos votos, e ele deixou que a Emily escolhesse uma instituição de caridade para fazer um grande donativo em nome dos três.

O empregado aproximou-se com a refeição, e Breeden calou-se. Munroe abriu o guardanapo sobre os joelhos e inalou o aroma que saía do seu prato.

— Com que então — disse —, temos um filantropo. E o resto? Como é ele enquanto pessoa?

— É difícil responder — respondeu Breeden. — A impressão com que fiquei ao telefone foi de um tipo que não anda com rodeios, que consegue geralmente o que quer. De resto, a imprensa não lhe prestou muita atenção até à descoberta do petróleo. A empresa dele, a Titan Exploration, está cotada na bolsa há quase sete anos,

mas também não dá grandes informações sobre o Burbank, tirando que é o fundador e principal acionista. Parece que ele não gosta muito de dar a cara.

Munroe acenou com a cabeça enquanto mastigava. Aclarou a garganta.

— Por cem milenas, estou disposta a ouvir o que ele tiver para me contar. Mas vê lá se lhe dizes que é tanto pelo dinheiro como por mera curiosidade.

— Acho que ele vai querer encontrar-se contigo o mais rapidamente possível.

— Tenta marcar para daqui a uns dias... preciso de algum tempo para conseguir voltar a respirar.

— Como é que estão as coisas desta vez? — quis saber Breeden.

— Não mudou lá muito. Cá me aguento. — Munroe poisou a faca e o garfo. Discutir a loucura que lhe fervia no espírito estava fora de questão: era o seu inferno privado, e era melhor conservá-lo para si. — Estou ótima — disse.

Breeden pegou num telemóvel.

— Antes que me esqueça. — Entregou-o a Munroe. — Para não ter de andar à tua procura. O número está atrás, o carregador, dentro da pasta. Ligo-te assim que tiver a reunião marcada.

Quando a refeição terminou, Munroe voltou para o quarto, espalhou as páginas do dossiê pelo chão e deu-lhes uma vista de olhos. A dada altura, sem saber porquê, aquilo começou a intrigá-la. Quando deu por si a perder a noção do tempo, pôs o despertador e começou pelo princípio, lendo a introdução do dossiê oficial.

Quem quer que tivesse escrito aquilo, descrevia a África que ela conhecia tão bem e que há muito desistira de tentar esquecer. Munroe perdeu-se no meio das folhas, até que o alarme tocou com um lembrete de que algo precisava da sua atenção. *Noah Johnson*.

Ele seria a distração do dia, a sua missão para aquela noite. Voltou a empilhar os papéis mais ou menos por ordem e atirou-os para cima da secretária. Inclinou a cabeça para trás, fechou os olhos e respirou fundo várias vezes: a calibrar o seu estado de espírito.

Foi encontrá-lo no bar, contemplando a sua bebida. Mesmo à distância, era bonito e, se não estivesse tão embrenhado nos seus pensamentos, teria reparado nos olhares cobiçosos de várias mulheres à sua volta. Munroe sentou-se na outra ponta do balcão, pediu uma

bebida e mandou servir-lhe uma segunda dose do que ele estivesse a beber.

Quando o copo chegou, ele olhou para cima e depois na sua direção, uma vez que o empregado estava a apontar para ela. Munroe inclinou-se, desviando-se do casal que lhe tapava a vista, e fez-lhe um ligeiro aceno com a mão. O homem sorriu, pegou no copo e levantou-se para ir ter com ela.

— *Bonsoir* — disse, sentando-se no banco ao lado e erguendo o copo num brinde em agradecimento.

A experiência ditava que, tal como a maioria dos homens ao fim de umas quantas bebidas e postos perante uma mulher deslumbrante que se mostrasse interessada, ele não teria qualquer hipótese. Levá-lo para a cama era irrelevante: o desafio estava em apossar-se dele, em penetrar tão profundamente dentro do seu espírito que ele nunca mais quisesse que ela de lá saísse.

Ela respondeu em francês e, na conversa de circunstância que se desenrolou, foi prestando atenção à sua personalidade, filtrando as opções de ataque através das respostas que ele dava. À medida que as peças se tornavam um todo composto, ela ia adotando as características que mais facilmente pudessem deleitar — fosse qual fosse o papel necessário para atingir o objetivo. Mulher fácil, coquete, sedutora: o nome não importava, desde que resultasse.

As respostas dele revelaram-se inesperadas e fizeram-na rir, não um riso forçado mas verdadeiramente genuíno, real. E também ajudava o facto de ele carregar consigo a sua própria ânsia de adrenalina.

Ao descobrir que o trabalho a levava em tempos a Marrocos, ele pôs um sorriso brincalhão e mudou do francês para o árabe:

— *Hal tatakalam al-Arabia?*

Ela sorriu e sussurrou:

— *Tabaan.*

A conversa flutuava, lenta e demorada. A personalidade dele estava muito para além do que ela previra: mais próxima dela mesma do que de qualquer distração com que já brincara. Talvez aquela caçada viesse a ser a mais fácil de sempre. Sem jogos, sem papéis, apenas uma versão mais inofensiva de quem ela era realmente.

Desejando subitamente mais privacidade do que aquela que o bar ou os sofás lhes poderiam fornecer, Munroe disse-lhe a certa altura:

— Queres ir procurar o jacúzi comigo?

— Adorava — admitiu ele —, mas não tenho fato de banho.

Ela aproximou-se do seu ouvido.

— Eu também não. Mas, se fores de roupa interior e fingires que estás em casa, ninguém vai sequer reparar.

Ele riu-se, uma gargalhada forte e sincera, espontânea e viva. Engoliu de um trago o resto da bebida e pôs o copo em cima do balcão.

— Acho que gosto de si, menina Munroe. — Levantou-se. — Onde fica esse tal jacúzi?

O redondel de água quente ficava num recanto ligeiramente afastado da piscina principal, e, quando o encontraram, Munroe despiu a roupa e deslizou para dentro da água borbulhante. Noah observou-a por um instante e depois, sem nunca deixar de a fixar nos olhos, estendeu a camisa por cima de uma espreguiçadeira e esgueirou-se para o seu lado.

— Então e isto? — perguntou, passando os dedos por uma das várias marcas brancas que lhe vincavam o corpo. — As cicatrizes também fazem parte do teu trabalho?

Ela ia a dizer qualquer coisa, mas depois hesitou e deteve-se.

— Isso — acabou por responder — é uma história que vai ter de ficar para outra altura.

Não era a sua desculpa do costume sobre acidentes de automóvel e vidros, mas ao mesmo tempo esquivava-se a uma verdade que não tinha o mínimo desejo de reviver.

# A INFORMACIONISTA

«Uma estreia absolutamente brilhante que apresenta uma nova heroína fantástica, Vanessa Michael Munroe, que através da sua atitude selvagem reflete o fogo da Lisbeth Salander de Stieg Larsson.»

*Publishers Weekly*

«Munroe evoca o espírito e a inteligência da determinada e problemática Salander, mas está longe de ser um sucedâneo desta. Felizmente que já existe uma sequela deste livro.»

*USA Today*

«Stevens escreve com a confiança de quem sabe que acabou de produzir a personagem de uma série vencedora, e que tem o mundo na palma da mão.»

*Los Angeles Times*

«Um novo thriller estonteante... *A Informacionista* é o primeiro livro de Taylor Stevens mas lê-se como se ela já fosse uma mestre do género.»

*New York Daily News*

**VANESSA** «Michael» Munroe trabalha com informação. Depois de escapar a uma infância traumática numa África Central sem lei, a sua formação e o seu treino permitem-lhe obter todo o tipo de informações, independentemente do cenário de operações onde se encontre. Por isso, é agora requisitada por empresas, instituições, chefes de estado e clientes privados que podem pagar os seus serviços únicos no mundo.

Quando um bilionário texano do mundo do petróleo a contrata para encontrar a sua filha desaparecida em África, Munroe regressa a um mundo selvagem e profundo que tão bem conhece, enfrentando forças misteriosas que estão determinadas em manter em segredo o destino da rapariga desaparecida.

Para ter alguma esperança de sair da selva com vida, Munroe vai ter de enfrentar, finalmente, os fantasmas do passado que durante tanto tempo fez por esquecer.



Espreite o vídeo deste livro no ecrã de um telemóvel.



**TOPSELLER**  
livros que se devoram

20120 editora

Ficção/Thriller

ISBN 978-989-8626-34-9



9 789898 626349

[www.topseller.pt](http://www.topseller.pt)